

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA: desenlaces/ (entre)laços na aventura de (in)formar o homem - uma discussão possível?

Mirian de Albuquerque Aquino*

Resumo

Discute o nexos educação e tecnologia, evidenciando o papel do professor e do bibliotecário na (in)formação do homem. Busca nas reflexões marxianas a positividade da relação ciência e produção, enfatizando o conceito de "onilateralidade" como uma possível saída para se pensar o usuário da informação que, na atual sociedade brasileira, se depara com o fetichismo da cultura científica e tecnológica e seus complexos e sofisticados mecanismos de operacionalização. Propõe a educação e a informação como tarefas históricas a serem abraçadas pelos profissionais que atuam no campo informativo.

1 INTRODUÇÃO

Articular tópicos complexos como educação (escola) e tecnologia (biblioteca) é tarefa difícil, principalmente, quando se parte de experiências vividas na própria travessia universitária. No meio de tantos percalços e desenlaces comecei a refletir sobre o possível compromisso da Escola e da Biblioteca na (in)formação do homem, face ao fetichismo da cultura científica e tecnológica na sociedade capitalista.

Não é minha pretensão aqui, reforçar a discussão sobre a necessidade de uma biblioteca em cada escola ou uma escola em cada biblioteca. Pretende, sim, conjuntamente com os profissionais da informação, tomar vivo o nosso compromisso social, propondo ao educador e ao bibliotecário o fim do desquite histórico que, veladamente, assumiram em suas práticas. Isto significa reafirmar que a Educação e a Biblioteconomia precisam sair da redoma que as separam para buscarem uma aproximação possível. Neste trabalho, as categorias profissionais da informação envolve professores, bibliotecários e cientistas da informação e outros profissionais que atuam nos diferentes setores ligados ao campo informativo. Pareceu-me produtivo, então, refletir sobre os possíveis caminhos que poderiam instrumentalizar esses profissionais, a fim de que ações conjuntas sejam desencadeadas para que eles exerçam as funções para as quais foram convocados. Parto da consideração de que a informação é a condição básica para que o indivíduo possa apreender o conhecimento produzido numa dada sociedade, situar-se como cidadão e participar da transformação desta sociedade.

* UESB/BA

2 VERSATILIDADE: A PROPOSTA MARXIANA

No contexto da sociedade industrial, as necessidades de aceleração da produção determinaram profundas transformações no processo produtivo, possibilitando o aperfeiçoamento e a criação de maquinarias e, conseqüentemente, o aumento de mercadorias e a valorização do capital. A instauração da indústria moderna permitiu que as formas diversas dos processos industriais se dissolvessem em múltiplas aplicações conscientes e sistemáticas da ciência natural para a consecução de efeitos proveitosos. A incorporação da ciência à produção avançou, propriamente, no século XX. Enquanto a Europa e os Estados Unidos mantinham-se no empirismo, a Alemanha já havia criado um sistema científico e tecnológico, a partir da moderna base industrial. Esta perspectiva revolucionária trouxe em seu bojo um "*caráter consciente e proposita V*, ou seja, o progresso planejado de tecnologia e projeto de produção (BRAVERMANN, 1987). Marx esboça, no seu livro *O Capital*, a base técnica industrial como a base revolucionária, "a moderníssima ciência da tecnologia", a qual elabora ou abandona com igual rapidez as formas dos processos de produção, ocasionando variação no trabalho, e conseqüentemente, mobilidade, ou seja, a necessidade de deslocamento do operário a outros locais de trabalho" (MANACORDA, 1990, p. 29).

Nota-se, porém, que a desestabilização do primado do trabalho (divisão social cumpriu uma dupla função: por um lado, modernizou o processo produtivo; por outro, tornou superficial toda a variação técnica da produção, colocando em risco toda possibilidade de trabalho e da vida do operário. São as necessidades imediatas do capital que vão conduzir a ciência à condição de mercadoria, desalojando-a do seu status de propriedade social para submetê-la aos ditames do capital - poder imanente - que seleciona; projeta e desenvolve as múltiplas facetas científicas e tecnológicas. E fato que o capital exercita um sistema de relações de poder com a finalidade última de referendar a disciplina do trabalho na organização da produção, difusão e processo de informação (MANACORDA, 1990).

A participação da ciência nas atividades produtivas gestou novas tecnologias à expansão capitalista e o processo produtivo passou a controlar a produção científica e a informação dela decorrente. Esta, regida pelo capital, deixou de ser um "*bem livre*" para transformar-se num "*bem restrito*", sendo tratada como mercadoria produzida, transacionada e documentada (ARAÚJO, 1991) e passando a exigir mãos especializadas ou mãos e cérebros polivalentes para processá-la (MANACORDA, 1990).

Neste contexto, a lógica do capital exigiu a especialização do trabalho e, em conseqüência, a mão-de-obra diversificada. Interessava, ao capitalismo, o recrutamento de homens dóceis para atender ao objetivo econômico. Exigiu-se a submissão de homens e de mulheres, tomando as relações sociais coercitivas e não questionáveis (ENGUIITA, 1993).

Esse quadro representou na visão marxiana, a urgente necessidade de uma substituição dos "*homens inábeis*" por "*homens versáteis*" na sua absoluta disponibilidade para o trabalho. Tratava-se, pois, da elaboração de um projeto de homem que desse conta das exigências do mundo da ciência e da produção. Certamente, é a compreensão alternativa da natureza do trabalho que vai colocar o homem em pleno desenvolvimento de suas forças e necessidades. Marx captura a essência da anátema capitalista, a qual idealiza um protótipo de homem, reduzido, degenerado, aviltado, treinado e subjugado pelas relações impostas pelo próprio sistema capitalista de produção. Para Marx, tal sistema incorpora todas as determinações negativas, impedindo uma parte dos homens de participar dos bens materiais e intelectuais e estimulando a outra a se apropriar desses bens em nome do capital (MANACORDA, 1990).

Os efeitos da divisão do trabalho na vida do homem são drásticos e lamentáveis. Vejamos o que acontece. Em primeiro lugar, é preciso considerar que todas as contradições já estão postas nessa divisão, resultando ao mesmo tempo na "*distribuição desigual*", tanto quantitativa como qualitativa do trabalho e de seus produtos. Nessa distribuição, cada indivíduo dispõe de uma atividade exclusiva, determinada e imposta da qual não pode sair. Além disso, há uma contradição entre o "*interesse do indivíduo*" e o "*interesse coletivo*" de todos os indivíduos que se relacionam entre si.

Existe, pois, uma incisão entre o "*interesse particular*" e o "*interesse comum*" (MARX; ENGELS, 1987).

Afirma Marx, que a separação do homem daquilo que é resultado de seu próprio esforço é "*alienação*". Segundo ele, o homem que se deixa alienar por outro homem, aliena-se da natureza e do desenvolvimento positivo. Este desenvolvimento inclui o conceito de "*onilateralidade*" o qual se concretiza em todos os sentidos das faculdades humanas, das forças produtivas e da capacidade de satisfação do homem (MANACORDA, 1990).

A "*onilateralidade*" é a expansão do indivíduo que o desenvolvimento capitalista necessita e que deverá estar em condições de enfrentar as variações da tecnologia. O homem "onilateral" é a totalidade histórica, natureza, individualidade e relação social, ou seja, uma unidade na diversidade física, psíquica e social, um ser de necessidades imperativas cuja satisfação se funda nas possibilidades de crescimento em outras esferas (FRIGOTTO, 1989, p. 268). Enquanto totalidade, o homem não se mostra mais subsumido aos aspectos determinados nas relações de exploração do processo produtivo.

A constituição da "*onilateralidade*", em Marx, tem, como exigência, a formulação de um projeto de ensino como objetivo maior para a transformação das relações sociais. As idéias básicas desse empreendimento foram apresentadas no Congresso da Internacional.

Neste evento, Marx propôs-se a debater as bases científicas e tecnológicas do ensino, articulando-as à capacidade do homem para manejar os instrumentos essenciais às diferentes profissões as quais estava sujeito. A defesa marxiana centrou-se no nexo trabalho manual - trabalho intelectual, enquanto fundamento científico universal do processo de produção, que o ensino deveria transmitir, apoiado na "*base da moderníssima tecnologia*". O trabalho com o cérebro e com as mãos - trabalho manual e trabalho intelectual - seria equivalente à plenitude do desenvolvimento humano.

No argumento marxiano, o ensino científico e tecnológico - teórico e prático - deveria atender às necessidades da classe operária a qual se encontrava sob a selvageria do capitalismo industrializado. Além disto, esse ensino teria um significado fundamental na superação da ruptura entre ciência e produção, as quais se degingolavam no mundo fabril. Caberia à escola a função de colocar o homem em contato com o "*mundo concreto das coisas e das relações sociais*", propiciando-lhes as condições para a aquisição de "*conhecimentos de fundo*", e de reflexão sobre o processo que o desenvolve, tendo condições de compreender o "*critério burguês*" que o domina, para não ser dominado (MANACORDA, 1990 *apud* MARX).

Na sociedade capitalista, a ciência e a produção podem ser pensadas não apenas em sua negatividade, ou seja, um sujeito que produz e o outro que executa. O nexo ciência-produção, enquanto positividade, reflete, a meu ver, um homem capacitado por um nível de conhecimento que permite dominar o seu trabalho enquanto dimensão básica de sua própria existência. O acesso à cultura e à tecnologia é a condição fundamental para garantir ao cidadão a sua participação no mundo científico e informatizado.

Assim sendo, duas perguntas são necessárias:

-que tipo de homem estamos formando nas atuais condições históricas, políticas, sociais, econômicas e culturais?

-será que as bases informacionais que estão disponíveis são suficientes para que esse homem possa atuar numa sociedade onde o aceleramento da cultura científica e tecnológica é uma realidade instantânea e irreversível?

3 CULTURA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

Não me parece exaustivo reafirmar que o avanço da cultura científica e tecnológica é uma realidade instantânea e irreversível. O desenvolvimento acelerado da informação

expressa uma nova ordem econômica que se alicerça na gestação de processos tecnológicos avançados, explosão informacional na qual os acontecimentos são imprevisíveis e inesperados.

A instantaneidade da informação - processo fora do controle e do domínio humano – ameaça provocar uma mudança estrutural na esfera política, econômica e sócio-cultural, por possuir a capacidade ilimitada de transformar o homem e a sociedade (RODRIGUES, 1994).

Sabe-se que as forças produtivas do capitalismo introduziram a necessidade crescente do consumo de informação em suas formas diversificadas. Paralelamente, o desenvolvimento científico e tecnológico permitiu a "*produção de informações*", concebendo-a como finalidade de inovação tecnológica adaptada ou criada a partir de novas tecnologias. Nessa dinâmica, a informação passou a ser considerada como um fator fundamental para a reprodução do capital, com atuação direta no setor produtivo, assumindo uma feição cada vez mais política. O domínio da informação (conhecimento técnico) exerce um papel controlador nas atividades sociais e produtivas, geradoras do desenvolvimento, e constitui-se a própria essência da atividade intelectual e humana na produção de conhecimento (ARAÚJO, 1991).

A propósito, observemos a intervenção:

Poucas coisas despertam, hoje, dose tão elevada de fetichismo quanto a tecnologia. Assim como as gerações passadas atribuíram todos os bens e males aos espíritos, ao destino e à vontade divina, hoje somos levados a nos extasiarmos diante da marcha triunfante da tecnologia - assim, como maiúscula, como Deus e o Estado (ENQUITA, 1991, p.230)

Mas é importante dizer, também, que o acesso à cultura tecnológica é limitado. Identificam-se, no mundo informacional, países que possuem mais informação e que possuem menos informação, caracterizando-se, assim, a hegemonia dos países desenvolvidos sobre os países pobres em informação. Um aspecto relevante a observar, também, é que essa diferenciação desemboca, irreversivelmente na competitividade. Pressume-se, ainda, que assumirá um papel decisivo no futuro, os países que detiverem a posse de conhecimento da informação e a sua capacidade de produzi-la (ARAÚJO, 1991). Perguntamos: o que isto significará para a Educação? Quais são as possibilidades de os indivíduos analfabetos terem acesso a informação?

Os indivíduos, inscritos nessa condição, estarão em situação desvantajosa e crítica. A expansão da informática e da tecnologia avançada e complexa exige que as pessoas saibam ler e entender as informações, para executarem múltiplas tarefas e tomarem decisões rápidas, eficientes e generalizadas.

O primeiro dado a considerar é que, na sociedade brasileira, a informação cresceu, mas gerou uma lógica contraditória. Na busca incessante da modernidade, essa lógica substituiu os valores decadentes, privilegiando uma minoria instruída e, ao mesmo tempo, destituiu uma considerável parcela de pessoas dos componentes de sua liberdade, negando-lhe o mínimo de informação possível para acessarem o código tecnológico dominante. Este paradigma civilizatório parece ter amadurecido a consciência da maioria dos destinatários que, em seus limites de revolta, buscam a contestação em todos os níveis (BUARQUE, 1991).

Discutindo a relação modernidade-conciliação, Lovisolo (1990) chama a nossa atenção para a caducidade do debate sobre a construção da modernidade. Os efeitos são visíveis, já que se observa a ausência de modernidade na própria elite que submete e o reduz o povo ao literalmente insignificante. Fala-se em modernidade, mas esta continua ausente no cotidiano do homem comum, ausência que se inicia no sistema educacional existente, na escola e na falta de bibliotecas adequadas, espaço vazio que mostra o caráter de vida acadêmica e cultural que cerca o cidadão.

O segundo dado é que o homem depara-se com a realidade de complexos e sofisticados mecanismos de informação que se choca com o saber espontâneo e os limites do seu mundo. Estes sistemas "definem novos horizontes da experiência humana, alargando a esfera de percepção e de intervenção no mundo, elaborando a nossa própria representação da realidade" (RODRIGUES, 1994, p. 23), panorama que nos alerta para a perda dos nossos

quadros de referência e de análise da realidade.

Outro dado é a propagação da "*planetarização da informação*", "*globalização da economia*" e "*mundialização da cultura*", enquanto aquisição de todo ser humano. Isto é estatisticamente paradoxal, quando se observa a nível mundial a existência de cerca de um bilhão de analfabetos entre pessoas de 15 anos ou mais. No Brasil, por exemplo, os déficits da educação perseguem, principalmente as crianças das classes populares que nas pesquisas já ultrapassam oito milhões. O sistema educacional instala-se nesse contexto como um filtro magmalizador de "*meninos e meninas populares*" destituídas do instrumental básico - a informação (FREIRE, 1991).

À medida que a informação se planetariza, que a tecnologia avança, a máquina fotográfica vai clicando o instante e revelando o quadro crescente de milhares de crianças brasileiras desescolarizadas e, conseqüentemente, desinformadas. Lembra-nos FREIRE (1990) que a desvantagem das poucas crianças que conseguem entrar na escola não ocorre, apenas, no domínio das palavras escritas, mas no ressentimento destas pela falta de condições sócio-econômicas para ter acesso à informação.

Para lembrar Frigotto (1991), a realidade da ciência e da técnica não pode ser compreendida apenas em sua negatividade histórica, mas nas novas relações de trabalho, nas novas relações sociais, novas relações de educação, ou seja, no acesso dos indivíduos ao produto do trabalho social: a informação.

Estudando a relação educação/trabalho, Arroyo (1991) destaca a cultura tecnológica, a partir da qual a Educação poderia ser redefinida na sua função em conexão com a nova cultura. Penso, também, na possibilidade de a Biblioteca redimensionar seus novos espaços de atuação e de repensar o papel do bibliotecário, rompendo os "ranços antigos e cristalizados", para assumir e incorporar a nova cultura.

A adaptação às novas tecnologias beneficiaria os profissionais da informação, principalmente o bibliotecário para:

desempena um papel fundamental en el moderno ambiente informativo, por cuya razón debe estar debidamente preparado para actuar de acuerdo com las exigências de una Sociedad Informatizada, pois existe uma espécie de competitividad hambremáquina (el temor de que esta máquina puede superarnos y hasta suplantar nuestras funciones (RAMALHO, 1992, p. 117).

A autora afirma que o bibliotecário "de la era ellectrônica puede llegar a convertir-se, a nível profesional en el colega de químicos, físicos, docentes en general y otros especialistas e [...] verán aumentar el valor potencial de seus conocimientos" (RAMALHO, 1992, p.112-119), necessário tanto no diálogo com os seus interlocutores - usuários da Biblioteca - quanto no acesso aos dispositivos de informação.

A multiplicidade e rapidez da informação científica e tecnológica sugerem o questionamento da instituição Biblioteca, espaço ausente a sacralizado, e a contestação do recalçamento em que ela se encontra, ou seja, a sua própria negatividade.

As novas tecnologias põem em cheque o sentido tradicional da Biblioteca cujo papel tendencioso e, historicamente limitado, não pode mais circunscrever-se a um público restrito e desinformado. O sentido positivo que se coloca para a Biblioteca é o de assumir uma das atividades fundamentais do nosso século, informar.

O século da informação tende a ultrapassar os limites de tempo e de espaço "onde a percepção de atualidade tornou-se uma realidade cada vez mais defasada em relação aos ritmos concretos da experiência humana que alimentam os processos comunicacionais" (RODRIGUES, 1994, p.24).

É neste contexto que a Biblioteca precisa se redefinir através do ato contínuo de disseminação e socialização da informação qualitativa aos seus interlocutores (bibliotecário e usuários), que precisam informar e serem informados, para construir um amplo circuito de informação.

4 A ESTRATÉGIA DE AÇÃO: EDUCAR E IN(FORMAR)

Uma pista: que sirva de estratégia de ação para educar e informar, talvez seja repensar o papel da Escola e da Biblioteca. Esta, que a escola não aprendeu a utilizá-la, adequadamente, e nem os projetos políticos e educacionais a incluem, em suas prioridades, requer algumas alterações fundamentais. Pensa-se que não devem existir escolas sem bibliotecas, não devem existir escolas sem bibliotecários (MILANESI, 1977, p.87).

Qual seria, então, o papel da Biblioteca e da Escola?

Em relação à Biblioteca, caberia o papel de ser uma "escola", dentro da própria escola, incorporando toda a sua capacidade de reunir informações, selecionar e informar, sem reservas, o saber produzido, ao usuário de cada geração. Ao bibliotecário, caberia a responsabilidade de colocar à disposição do usuário todas as informações necessárias, principalmente, para as crianças não-alfabetizadas que, também, precisam aprender a lidar com a informações, confrontá-las e criticá-las. Este é um ponto fundamental na linguagem marxiana. Existe aí, o reconhecimento da importância da educação (informação) verdadeira e autêntica na vida das crianças cujo valor positivo consiste na apropriação da totalidade de possibilidades de domínio sobre a natureza e sobre o próprio homem (MANACORDA, 1990, p. 107).

Uma outra questão se coloca para a escola: qual seria o seu projeto político-pedagógico? Penso que Arroyo (1991, p.165), respondeu, satisfatoriamente, a questão. O projeto da escola não seria o de "formar as crianças, adolescentes e jovens antes de ingressarem nos espaços deformadores", a partir de uma visão pessimista da máquina (tecnologia) mas o de redefinir as bases do ensino em "*combinação com a nova cultura*", uma vez que é impossível imunizar o homem e as instituições da ação da tecnologia.

Penso ainda que educadores e bibliotecários - profissionais da informação - deveriam assumir a tarefa de instrumentalizar esses usuários, colocando em disponibilidade o maior número de informações possíveis, a fim de que eles possam inserir-se na sociedade tecnológica.

É evidente que a informação por si mesma não muda radicalmente uma situação, ou mesmo qualquer poder dominante. Acredito que o deslocamento da postura profissional de bibliotecários e educadores já se constitui uma configuração do movimento dialético, contraditório e de resistência às determinações que se consolidaram nas práticas humanas e institucionais ao longo do seu processo histórico.

Creio que uma estratégia para repensar essa prática seria a de a Biblioteca não se posicionar apenas como disseminadora de informação, mas como centro produtor e socializador de informação de qualidade, face aos novos aperfeiçoamentos científicos e tecnológicos. Agindo, nessa direção, ela poderia recusar o papel de complementação e de apoio às pesquisas escolares e transmutar-se num recurso fundamental para as decisões curriculares, permitindo a atualização pedagógica dos professores, a aprendizagem dos alunos e a participação da comunidade (SILVA, 1993).

Visualiza-se a Biblioteca como cérebro da universidade e da escola, onde os fundamentos científico-tecnológicos e informacionais, qualitativamente selecionados, deixariam de ser um bem individual para ser um bem coletivo e acessado por usuários.

A estratégia de ação, para o bibliotecário e o educador, sugere a inserção de ambos, em seu tempo, assumindo o momento presente como tarefa histórica a ser resgatada na sociedade na qual estão colocados (CHAUÍ, 1989). Estar em seu tempo é efetuar-se na sociedade histórica. Nesta, o sujeito não pode deixar de se reinstituir, viver os conflitos, as contradições, as mudanças e acolher a produção interna de suas diferenças. Inserir-se em seu tempo, implica fazer da Biblioteca um lugar alegre, sem recalques, desbloqueado, desejante, provocador, aberto e coletivo.

Penso que a travessia entre o leitor e o livro deveria ocorrer numa extensa cadeia de desejos, mesclados de prazer e de fruição em que se manteria uma relação de inesgotamento,

uma aquecida transfusão do conhecimento.

A Biblioteca que se desenha, para o homem (sujeito) da atualidade tecnológica, supõe a interação bibliotecário-usuário como uma relação não hierarquizada. Esta relação deve centrar-se numa prática concreta que propicie ao usuário da informação as condições para que ele possa acessar, adequadamente o conhecimento produzido no seu contexto histórico. Assim sendo, o usuário (aluno) degustaria o alimento (informação) e se reabasteceria "onilateralmente" preenchendo as suas necessidades informacionais.

É verdade que o acesso à informação é um pré-requisito para a inserção do cidadão na sociedade científica, tecnológica e informatizada. Além disso, a condição básica para que a biblioteca possa se inscrever, nessa sociedade, é manter-se atualizada. Esta é a nova ordem informacional. Quanto ao bibliotecário, cabe-lhe o papel: de fornecer as condições, colocando à disposição do usuário a informação e as diversas formas de manejá-las. O compromisso social do bibliotecário é o de intervir para transformar a realidade escrita e não acessada.

Uma biblioteca utópica? Futurista? - Não sei. O tempo de ontem manteve esta instituição fechada, desatualizada e inacessível, por conhecidas razões históricas. O tempo de hoje reflete um final de século em que se observa uma crescente necessidade informacional, sem contar que as sofisticadas novidades tecnológicas estão a exigir profissionais preparados, homens unilaterais.

EDUCATION AND TECHNOLOGY: outcomes / snares in the adventure of (in)forming man - a credible discussion?

Abstract

Discusses the nexus education - technology, emphasising the role of the teacher and the librarian reflections the positivity of the relation science and production stressing the concept of "omnilatirality" as a possible way out for thinking about the user of information who, in current Brazilian society, is faced with the fetishion of scientific and technological culture and its complex and sophisticad mechanisme of operationalization. Proposes education and information as historic task to be ambraced by professionals working in the field of information.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Afrânio Carvalho. Informação e atividades de desenvolvimento científico e tecnológico e industrial. tipologia proposta com base em análise funcional. **Ciência da Informação**, v. 20, n. 1, p.7-15, 1991.

ARAÚJO, Vânia Maria Rodrigues Hermes de. Informação: instrumento de dominação e de submissão. **Ciência da Informação**, v. 20, n. 1, p.7-43, jan./ jul.1991.

ARROYO, Miguel. **Trabalho, educação e prática social**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991, p.254-273: Revendo os vínculos entre trabalho e educação: elementos materiais de formação humana.

BARTHES, Rland. **O rumo da língua**. Lisboa: Edições 70, 1984.

BRAVERMANN, Harry. **Capital e trabalho monopolista**. Rio de Janeiro: Paz, 1987.

- BUARQUE, Cristovam. **A desordem do progresso**: o fim da era dos economistas e a construção do futuro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- ENGUITA, Mário F. **Trabalho, escola e ideologia - Marx e a crítica à educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FREIRE, Gaudêncio. **A produtividade na escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social e capitalista**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **Trabalho, educação e prática social**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. p.163-216: Trabalho, educação e tecnologia: treinamento polivalente ou formação politécnica?
- KARL, Marx, ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Hucitec, 1987.
- LOVISOLO, Hugo. **Educação popular**: maioria e conciliação. Salvador: UFBA, 1990. (Coleção Cidadania)
- MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. São Paulo: Cortez, 1991.
- MARX, Karl. O capital: crítica de economia política. São Paulo: Difel, 1987.
- MILANESI, Luís. **Ordenar para desordenar**: centros de culturas e biblioteca públicas. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- RAMALHO, Francisca Arruda. **Receptividade de las bibliotecas universitárias de Espana y de Brasil ante las nuevas tecnologias de ta información**. Madrid, 1992. 502p. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidad Complutense de Madrid, 1992.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação**: a experiência da informação. Lisboa: Presença. 1994.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **De olhos abertos - reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1992.